



SBEC



Sociedade Brasileira de Estudos do Cangaço

MOSSORÓ, junho de 2024

EDIÇÃO ESPECIAL

Editor: Geraldo Maia - gemaia1@gmail.com

XX Fórum do Cangaço III Diálogo Paulo Gastão Exposição Expressões do Cangaço



Sucesso total o XX Fórum do Cangaço da SBEC

O XX Fórum do Cangaço, III Diálogos Paulo Gastão e Exposição "Expressões do Cangaço", que aconteceu entre os dias 13 e 15 de junho de 2024, no auditório da FAFIC - Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN - e no Museu Municipal "Lauro da Escóssia".

Logo na manhã do primeiro dia, 13 de junho, no auditório da FAFIC, foi feita a abertura do evento e posse da nova diretoria da SBEC - Sociedade Brasileira de Estudos do Cangaço, realizadora do evento, para o período de 2024 a 2026. Logo em seguida foi formada a primeira mesa de debate, que teve como tema: "Os Nazarenos e Lampião", debatido pelos palestrantes Antônio Kydelmir Dantas de Oliveira, de Nova Floresta/PB e Wesley Rodrigues Dutra, de Cajazeira/PB.

Na noite do mesmo dia aconteceu o lançamento dos livros: Diário do Coronel Antônio Gurgel - Prisioneiro de Lampião, de Antônio Gurgel do Amaral, Lemuel Rodrigues da Silva e Geraldo Maia

do Nascimento, e também do livro: Chico Pereira, da escritora Fabiana Agra. Logo após foi formada a segunda mesa, que teve como tema: Narrativas sobre a morte de Jararaca, sendo debatedores os professores Marcílio Lima Falcão e Antônio Robson Alves.

Na manhã do dia 14 de junho, sexta-feira, foi realizada uma roda de conversa com os palestrantes do evento, sobre temas gerais ligados ao tema cangaço. E a noite foi formada a terceira mesa com o tema: O Processo de Pau dos Ferros, que teve como palestrantes os juristas Antônio Clovis Vieira e Marcos Araújo.

O terceiro e último dia do Fórum aconteceu no Museu Histórico Lauro da Escóssia, com a exposição "Expressões do Cangaço", também com uma apresentação cultural de Célia Paraibana além da quinta mesa de debate, que teve como tema "O Cangaço de Jesuíno Brilhante", com os professores Francisco Linhares e Luma de Holanda. Na parte da tarde houve a visita a lugares de memória do cangaço na Cidade de Mossoró.

Realização:



Apoio:



FAFIC/UERN



UERN



PREFEITURA MUNICIPAL DE
MOSSORÓ

97 anos da resistência ao cangaço e 31 anos da SBEC



SBEC 1993 - Sócios Fundadores na foto

Em pé, da esquerda para a direita: Marcos Antônio Filgueira, João Pegado de Oliveira Ramalho, Raimundo Soares de Brito e Patrícia Gurgel Gastão.

Sentados: Antônio Kydelmir Dantas de Oliveira, Gu-temberg Medeiros Costa, Iaperi Araújo, Paulo Medeiros Gastão e Wilson Bezerra de Moura.

Agachados: João Bosco Queiroz Fernandes, Severino Vicente e Antônio Filemon Rodrigues Pimenta.

Foto: José Rodrigues

Ama data importante para a história de Mossoró e do Cangaço, é o 13 de junho, este ano completando os 97 anos da Resistência desta cidade e seus cidadãos, sob o comando do então Prefeito Rodolpho Fernandes, ao ataque dos grupos de Lampião, Sabino, Jararaca e Massilon,

Artigos, reportagens em jornais, folhetos de cordel e livros foram escritos sobre este fato, desde à época dos acontecimentos, pelos mais diversos escritores, jornalistas, pesquisadores da terra Potiguar, até os dias atuais; encontramos muitos nos livros da coleção Mossoroense.

Em 13 de junho de 1927 a cidade viveu um momento de apreensão e glória: Resiste e derrota o bando do temido cangaceiro Virgulino Ferreira da Silva – o Lampião – que tentava tomá-la de assalto com mais de 50 comparsas, perdendo alguns de seus melhores “cabras”, dentre eles Colchete, Jararaca – durante o assalto – Mormaço, Bronzeado e Dois de Ouro, após.

Este sentimento da resistência deu origem a criação da Sociedade Brasileira de Estudos do Cangaço – SBEC, com sede no Museu

Municipal Lauro da Escóssia – Centro Histórico e Cultural Manoel Hemeterio, exatamente no dia 13 de junho de 1993, completando, hoje, exatos 31 anos de disseminação de conhecimentos pelo Brasil afora, através de seminários, fóruns, congressos, palestras. Foi esta a responsável pela criação do evento Cariri Cangaço – onde a alma nordestina se encontra – e de grupos de pesquisas do tema e seus afins na Paraíba, Pernambuco e Ceará.

Neste XX Fórum, sob o tema “O Sertão Entre Cangaceiros e Volantes” nossa entidade se consolida e recebe o apoio de diversos segmentos culturais, comerciais e hoteleiro de Mossoró.

Com a lembrança de seus sócios fundadores, daqueles que partiram pra outro plano e dos que continuam nas pesquisas e divulgação de nossa história, dizemos. Salve a SBEC... A luta continua, companheiros!

Por Kydelmir Dantas
(Sócio fundador da SBEC)



SBEC

DIRETORIA 2024-2026

- Presidente - Lemuel Rodrigues da Silva
- Vice Presidente – Patrícia Gurgel Medeiros Gastão
- Secretário - Geraldo Maia do Nascimento
- Tesoureiro – Marcílio Lima Falcão
- Suplente de Secretário – Maria da Natividade Praxedes
- Suplente de tesoureiro - Antônio Filemon Rodrigues Pimenta

CONSELHO FISCAL 2024-2026

Presidente: Felipe Araújo Dutra, tendo Antônio Kydelmir Dantas de Oliveira e Fabiana de Fátima Medeiros Agra como membros, e Antônio Robson de Oliveira Alves, Josué Damasceno Pereira e Francisco Pereira Lima como suplentes.

Todas as informações contidas nos artigos publicados nesta edição são de inteira responsabilidade dos autores, não traduzindo, portanto, a opinião deste Informativo. Sua publicação visa tão-somente a promover o debate e a reflexão dos problemas dos mais variados segmentos da sociedade.

Abertura e Posse da nova Diretoria



Aos treze dias do mês de junho do ano de dois mil e vinte e quatro, no auditório da FAFIC - Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN, deu-se a posse da nova diretoria da Sociedade Brasileira de Estudos do Cangaço - SBEC, para o período de 2024 a 2026, ficando assim constituída a nova diretoria: Presidente: Lemuel Rodrigues da Silva; Vice-Presidente: Patrícia Gurgel Medeiros Gastão; Secretário: Geraldo Maia do Nascimento; Tesoureiro: Marcílio Lima Falcão; Suplente de Secretário: Maria da Natividade Praxedes; Suplente de Tesoureiro:

Antônio Filemon Rodrigues Pimenta. O Conselho Fiscal ficou formado por: Presidente, Felipe Araújo Dutra, tendo Antônio Kydelmir Dantas de Oliveira e Fabiana de Fátima Medeiros como membros, e Antônio Robson de Oliveira Alves, Josué Damasceno Pereira e Fabiana de Fátima Medeiros Agra como suplentes.

Logo após a posse da diretoria, houve a formação da primeira mesa, que tinha como tema de debate "Os Nazarenos", e como palestrantes os sócios Antônio Kydelmir Dantas de Oliveira e Wescley Rodrigues Dutra.



A História de um Diário

Geraldo Maia do Nascimento

Membro da SBEC

O Cel. Gurgel, que foi aprisionado no dia 12 de junho e permaneceu com o grupo de cangaceiros até do dia 25 do mesmo mês, como já era de costume, passou a registrar tudo o que estava acontecendo ao seu redor para o seu diário pessoal. Não desesperou, mostrando-se corajoso e destemido até o último dia que permaneceu com o grupo de cangaceiros. E é desses registros diários que trataremos aqui. Graças a eles, podemos saber como foi o dia-a-dia do grupo de Lampião na fuga depois do ataque a Mossoró, pelo menos até o dia da sua libertação.

Três anos depois, o vespertino “A Notícia”, do Rio de Janeiro, em suas edições de 22, 24, 25, 26, 27, 28 e 29 de março de 1930, passou a publicar o que chamou de “O Diário do Coronel Antônio Gurgel do Amaral. Dizia em sua introdução:

“O “Diário” que se vai ler é, sem dúvida, a página mais interessante até hoje publicada acerca do bando do famoso Lampião. Seu autor, o Coronel Antônio Gurgel, do Rio Grande do Norte, homem verdadeiro e metódico comerciante, possui há longos anos o hábito de escrever, e guardar para a sua família os fatos cotidianos de sua útil existência. Graças a esse hábito, que todos deveriam ter, podemos oferecer hoje aos leitores tão importante documento. Para não lhe tirarmos o sabor local publicamo-lo como foi escrito, com a sintaxe e as expressões familiares do Norte. É um documento que deve ter para os estudiosos da vida nacional um valor inestimável, porque na sua despreziosa simplicidade, é uma fotografia do meio sertanejo, do Norte do Brasil, onde apesar do telégrafo, do cinema e do automóvel, ainda não chegou a civilização.”

Em 1955 o escritor potiguar Raimundo Nonato, em seu livro “Lampião em Mossoró”, editado pela Coleção Mossoroense – Série C – Impresso pelos Irmãos PONGETTI – Editores – Rio de Janeiro, em um de seus capítulos com o título de “Dos jornais”, transcrevia essas reportagens do jornal “A Notícia”, mas sem dá nenhum enfoque. O escritor Rodrigues de Carvalho, em seu livro “Lampião e a Sociologia do Cangaço”, ao tecer comentário sobre o livro de Raimundo Nonato, disse:

“Para o nosso fraco entendimento, o melhor trabalho de quantos coligiu Raimundo Nonato, em seu livro é, sem dúvida, o Diário do Coronel Antônio Gurgel. Não sabemos a razão por que não lhe deu o autor do volume o destaque merecido.”

Em 1972 o escritor pernambucano Luiz Luna, em seu livro “Lampião e seus Cabras” usou como apêndice do seu livro o “Diário do Coronel Gurgel”.

Finalmente Raimundo Soares de Brito, escritor e historiador mossoroense, resolveu dá o destaque que o Diário merece. Como pesquisador sério, não quis apenas copiar o que tinha sido publicado no jornal “A Notícia”. Queria ter a certeza que o que ia publicar era exatamente as palavras do Coronel Gurgel, sem alterações. Escreveu a Helena Gurgel, filha do autor do Diário, que morava no Rio de Janeiro, solicitando uma cópia do referido documento. E Helena copiou de próprio punho o Diário do seu pai e enviou essa cópia para Raimundo, que a usou para publicar o livro “Nas Garras de Lampião (Diário) pela Fundação Vingt-un Rosados – Coleção Mossoroense – Série C – Volume 910 - 1996. Raimundo acrescentou ao texto original notas de rodapé com a inclusão de novos dados, no propó-

sito de oferecer aos leitores maiores esclarecimentos, facilitando assim maior interpretação do texto e também de diversas fotos. Não sabemos, no entanto, se o texto que Helena copiou foi do original do diário ou do texto publicado no jornal. O certo é que Raimundo usou o texto tal qual foi publicado no jornal, inclusive com os comentários introdutórios usados por aquele veículo de comunicação. O sucesso foi imediato, esgotando a edição rapidamente. Em 2006 Raimundo Soares de Brito publicou uma segunda edição, revista e ampliada, também pela Coleção Mossoroense - Fundação Vingt-un Rosado – Coleção Mossoroense – Série C – Volume 1.533 – 2006.

Mas essa história não para por aí. Certo dia recebi um telefonema de um senhor que dizia se chamar Eduardo Antônio Gurgel e que era neto do Coronel Antônio Gurgel do Amaral. Não me lembro qual foi o ano, mas sei que foi durante os festejos juninos. Disse que tinha conseguido o meu contato com um parente e que tinha uns documentos para me mostrar. Convidei-o a vir a minha casa, o que ele fez no mesmo dia.

Eduardo era Engenheiro Agrônomo e morava em Salvador/BA. Disse que era filho de Mário Damasceno Gurgel, e que tinha herdado do seu pai vários cadernos de anotações do seu avô, Antônio Gurgel, alguns do período que passou como prisioneiro do bando de Lampião e outros de uma viagem que o mesmo fez para a Alemanha. O diário da viagem do Cel. Gurgel para a Alemanha ele tinha transformado em livro e veio pedir minha

ajuda para publicar o mesmo, aja vista que o Cel. Gurgel tinha ficado bem conhecido aqui depois da publicação do livro “Nas Garras de Lampião”, de Raimundo Soares de Brito. Deixou comigo um CD com vários arquivos, incluindo fotos da família, principalmente da viagem para a Alemanha, mapas com o roteiro seguido pelo avô em sua viagem, foto do navio em que ele embarcou nessa viagem e vários outros arquivos digitados, inclusive o livro que pretendia publicar, me pedindo para fazer a apresentação. Voltou para Salvador e ficamos nos falando por telefone.

Algum tempo depois recebi a notícia que Eduardo tinha falecido de ataque cardíaco. Com a morte do principal interessado, esse material ficou esquecido em meu computador.

Recentemente estive revisando alguns arquivos e me deparei novamente com o material de Eduardo. Por curiosidade fui abrindo os arquivos deixados por ele e um desses arquivos era exatamente do diário que o Cel. Gurgel escreveu enquanto estava prisioneiro do bando de Lampião. Notei, no entanto, que o começo desse diário estava diferente do que foi publicado pelo jornal “A Notícia”, em 1930, e das versões usadas por Raimundo Nonato, Luiz Luna e por Raimundo Soares de Brito. Essa versão começava um dia antes da descrita por aqueles autores e o relato era diferente, embora com o mesmo sentido. O relato começava no sábado, 11 de junho de 1927 e não no dia 12, quando ele foi aprisionado. Isso significa que ele já tinha iniciado esse diário, antes mesmo de se tornar refém do bando. Pela singularidade desse documento, resolvemos publicar essa narrativa, mas de forma diferente. O diário mostra o que aconteceu durante aqueles dias no bando de Lampião. Resolvemos acrescentar em cada capítulo, o que estava acontecendo, no mesmo dia, na cidade de Mossoró, como forma de melhor entender os acontecimentos. Esperamos que dessa forma a história sobre esse episódio se complete.



Célia Maria Silva (Maria Parahybana)

Célia Maria é artesã, escritora, cordelista e mãe. Natural de Campina Grande, na Paraíba, sendo filha de Carlinda Teodora da Silva (in memoriam) e Cícero José da Silva, é mãe de Elaine Crystine e Alberto Felipe Magno Diniz.

Ocupante da Cadeira 23 da Academia Brasileira de Estudos do Sertão Nordestino - ABRAES (Patrono Alcino Alves Costa). Conselheira do Cariri Cangaço e Conselheira Perpétua do Borborema Cangaço e membro do Grupo Paraibano de Estudos do Cangaço.

Como cordelista já publicou mais de 60 títulos nas modalidades: biográficos e históricos. É também autora dos livros: Compartilhando Memórias (2019), Diário Imaginário de uma Cangaceira (2020), O Cangaço no Cordel - Volume I (2021) e O Cangaço no Cordel - Volume II (2022).

Fez uma bela apresentação no XX Fórum de Cangaço da SBEC, na manhã de sábado, no auditório do Museu Histórico "Lauro da Escóssia".



Em busca dos “Lugares de Memória” do Cangaceiro Jesuíno Brilhante

Luma Hollanda
Mestra em Geografia Cultural e
Membro da SBEC

A fala da Professora Luma Hollanda tem como uma de suas preocupações consolidar a memória do cangaceiro Jesuíno Brilhante, buscando pesquisar a história dos lugares, estudando esses locais como “Lugares de Memória”, colaborando para favorecer o processo de construção de identidade, pertencimento e valorização de sua localidade, abrindo portas para o desenvolvimento local.

A expressão “Lugares de memória” foi criada pelo historiador francês Pierre Nora. Convencido de que no tempo em que vivemos os países e os grupos sociais sofreram uma profunda mudança na relação que mantinham tradicionalmente com o passado, o escritor acredita que uma das questões significativas da cultura contemporânea situa-se no entrecruzamento entre o respeito ao passado – seja ele real ou imaginário – e o sentimento de pertencimento a um dado grupo. Se habitássemos ainda nossa memória, não teríamos

necessidade de lhe consagrar lugares. Não haveria lugares porque não haveria memória transportada pela história. Cada gesto, até o mais cotidiano seria vivido como uma repetição religiosa daquilo que sempre se fez numa identificação canal do ato e do sentido, segundo o escritor.

Os “Lugares de memória” nascem e vivem dos sentimentos, que não há memória espontânea e que, de acordo com os pilares da teoria de Nora, alguns lugares da história de Jesuíno Brilhante, foram classificados como “Lugares de Memória”, dignos de uma consolidação e consagração.

“É por isso a defesa, pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados, nada mais faz do que levar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória. Sem vigilância comemorativa, a história depressa os varre...”



Lúcia Maria de Souza Hollanda (Luma Hollanda)

Membro da Academia Brasileira de Estudos do Sertão Nordeste - ABRAES, Membro da Sociedade Brasileira de Estudos do Cangaço - SBEC, Conselheira do Cariri Cangaço, Conselheira Perpétua do Borborema Cangaço, com formação em Pedagogia, Psicopedagogia, Licenciada e Bacharelada em Geografia pela Universidade Federal da Paraíba - UFPVB, Mestra em Geografia Cultural com dissertação sobre o cangaceiro Jesuíno Brilhante e seus lugares de memória, escritora e pesquisadora, autora de: História do Baú da Vovó, Nas Trilhas do Cangaço de Jesuíno Brilhante e Lugares de Memória do Cangaço - Recorte Geo-Históricos do Sertão Nordeste.

O Processo Crime de Pau dos Ferros

Antônio Clovis Vieira
Professor, Advogado e Membro da SBEC

Durante o XX fórum do cangaço, ocorrido nos dias 13,14 e 15 de junho na cidade de Mossoró (RN). Tive a satisfação de dividir a mesa para debater sobre o processo crime de Pau dos Ferros, que tratava sobre a invasão de cangaceiros, com um dos maiores juristas em atividade no nosso país, que é o Dr. Marcos Araújo.

Para falar sobre o referido processo, me fundamentei na minha experiência de vida, já que nasci em Martins e, hoje quase sexagenário convivi quando criança com meus parentes que na época que o bando de Lampião entrou no Rio Grande do Norte. Passaram dias escondidos com medo do bando subir a serra, também foi importante para falar sobre o processo, minha experiência de ter feito a rota do cangaço a partir da fazenda baixio, lugar onde lampião se arranchou com Massilom para planejar seu evento criminoso.

Ao analisar o processo crime de Pau dos Ferros a luz da nossa legislação atual é notória as falhas processuais, ao se analisar a lume da legislação vigente que foi o primeiro código penal da república, Visto que todos os processados foram pelos crimes de roubo e assassinato, mesmo assim, a luz do primeiro código da república estamos diante de uma peça processual eivada de erros, onde a peça processual desrespeita totalmente tanto o direito substantivo como o direito adjetivo, já que este, o código de processo penal, é da primeira quarta parte do século XX.

Se por um lado o processo crime de Pau dos Ferros ser muito

questionado, por outro lado, ao se ter contatos com os depoimentos de vários agentes que de uma forma ou de outra estiveram envolvidos em um fato quase 100 anos depois da passagem dos cangaceiros pelo Rio Grande do Norte, é para todos uma grande satisfação, já que esses depoimentos aconteceram pouco tempo depois do acontecimento dos fatos, fazendo com que eu, como jurista, me vejo na obrigação de enxergar os autos com os olhos no direito atual mas também olhar com os olhos nos códigos da época e vendo as questões sociais na data onde ocorreram.

Antônio Clovis Vieira

Advogado, Mestre em Prática de Educação Básica, Professor, Escritor e Pesquisador, possui graduação em Ciências pelo Instituto de Ciências Exatas e Naturais de Mossoró (1991), graduação em Matemática pela Fundação Universidade Regional do Rio Grande do Norte (1993) e graduação em Direito pela Faculdade de Ciências e Tecnologia Mater Christi (2006). Atualmente é professor da Faculdade de Ciências e Tecnologia Mater Christi, operador de sistemas da Companhia de Água e Esgotos do Rio Grande do Norte, professor da Prefeitura Municipal de Mossoró e ministrando cursos por módulos - Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial.

Notícias festivas ou cruentas: a narrativa da imprensa sobre a morte de Jararaca a luz da Antropologia Criminal

Antônio Robson de Oliveira Alves
Professor e Sócio da SBEC

Mossoró no ano de 1927, no dia 13 de junho daquele ano, enfrentou o famoso ataque do bandido Lampião, ao lado de Massilon Leite e Sabino Gomes, ambos liderando cabras que enveredaram pela cidade em colunas espalhadas que pretendiam roubar aquilo que fosse possível, como fizeram em outras localidades nos sertões do Nordeste. O jornal *O Mossoroense*, indica que o enfrentamento entre as forças resistentes e o bando de Lampião ocorreu no fim da tarde de 13 de junho de 1927. Aquele episódio ficou conhecido como “Batismo de Fogo de Mossoró”, estabelecendo um novo ideário para a cidade e tornando-a conhecida e aclamada em toda região. Essa peculiar batalha teve como resultado a morte de Colchete e o ferimento, prisão e morte de Jararaca.

Após o ataque, Jararaca, um dos integrantes do bando de Lampião, ferido em combate, é preso e levado a cadeia pública municipal. José Leite de Santana, nome do cangaceiro, tornou-se então uma figura exótica, diferente dos presos comuns. É o mais temível criminoso que pisará na cadeia da cidade e isso não iria passar despercebido pela população, nem pela imprensa local que encontra nessa ocorrência a oportunidade de entrevistar e tornar público as peripécias da vida desse sujeito.

José Leite de Santana, conhecido comumente como Jararaca era natural do Estado de Pernambuco, afoito e intrépido, esse cangaceiro ficou conhecido como um dos mais valentes e sanguinários que compunha o bando de Lampião. As ações de Jararaca foram largamente noticiadas pela imprensa pernambucana, sendo o ano de 1927 o que as ocorrências aparecem massivamente.

No episódio conhecido como “Batismo de Fogo” – o ataque de Lampião a Mossoró, Jararaca foi ferido em combate, passou alguns dias preso na Cadeia Pública da cidade até que, sob promessa de ser levado para capital – Natal – acabou sendo morto pelo destacamento policial no cemitério público local. Logo várias notícias iriam pulular os jornais na tentativa de amenizar e apagar esse ato como forma de evitar que a resistência de Mossoró contra o bando de Lampião não fosse ofuscada e diminuída. Exemplo de notícias com esse intento pode ser lido no jornal *O Nordeste* que, em uma matéria no dia 22 de julho de 1927, buscou justificar a morte do cangaceiro e combater possíveis boatos que pudessem aparecer:

O fogo cessou depois de uma hora e em breves minutos já o povo fervilhava nas ruas, curiosos, enquanto, arrastando para a Praça da Matriz traziam o bandido “Colchete”, morto na trincheira do cel. Rodolfo Fernandes, onde sahira balleado mortalmente o terrível “Jararaca” que faleceu dias depois. É pena que este monstro não tivesse sido morto quando capturado (...) Ter compaixão de “Jararaca” é esquecer o instinto de conservação, é negar o direito de vingança natural contra os monstros da humanidade! A humana criatura que desde tanto, que semeia a desgraça por instinto de perversidade, só pode merecer o linchamento que é a lei da razão do povo, em contrário às blandícias da lei escrita, que, por vezes, constitui o próprio crime, gera bandidos pelas injustiças que dissemina! É isto talvez uma ofensa às instituições do direito, mas é uma verdade da razão humana. A fera mata pelo instinto de sua espécie, e por isto está em grau superior ao facínora de profissão que tem juízo e raciocínio, que mata e sacrifica por esporte, para ver a queda ou para roubar, ou para reagir contra quem lhe foge aos maus desejos cúpidos e lascivos! (O NORDESTE, 1927, p. 01 – Grifos nossos)

Esse juízo que é criado em torno da imagem de Jararaca, do bandido cruento, bestial e animalesco, fomentado pela matéria do jornal mossoroense e que também encontrou respaldo nos demais citados dos estados vizinhos, encontra alicerce na percepção que se tinha no período do criminoso, advindo das teorias da criminologia que buscava estudar e entender *o homem criminoso*¹ e que denota-

va características de um atavismo para o crime, no caso de Jararaca, esse possuía o instinto criminoso, algo imanente e que sua morte seria justificável por causa disso. Jararaca é considerado um “monstro social” como fica evidente na seguinte matéria, também do dia 22 de julho no jornal *O Nordeste*: “Monstro? Sim, o fascinora, perigoso e perverso – o monstro humano. Ele foi ou é uma vítima dos homens ou de uma iníqua e perfida aplicação da lei. E por isso é monstro, senão por índole ou por influencia do meio” (O NORDESTE, 1927, p. 01).

Segundo o impresso, a formação dos monstros sociais pode seguir alguns fatores, destacando que pode ser ou por influência do meio que cerca esses indivíduos ou por índole. A matéria continue e elenca o que pode ser algo vindo de dentro do sujeito: “começa a formação quase sempre do monstro, pela insensatez dos homens, se não é vindo pela moleza do gênio”. Ao continuar a publicação há uma justificativa para “exterminar o facínora”, porque esse se tornou prejudicial à paz da comunidade e estabilidade da sociedade. Essa notícia busca justificar o ocorrido com Jararaca ao postular que matar esses indivíduos é normal e deve ser algo estimulado, pois são monstros sociais, que nasceram com algo interno, advindo da índole e que faz parte do gênio destes sujeitos.

Assim, a vitória de Mossoró e a destreza da resistência estariam garantidas baseadas na ideia da morte necessária de Jararaca, a justificativa utilizada era a do atavismo – a má índole e a tendência para o crime – como eram postulados as teorias criminais na Europa e seguida pela imprensa e elite do Brasil no início do século XX.



Antônio Robson de Oliveira Alves

Formado em História pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (2017) e possui Mestrado em Ciências Humanas e Sociais pela mesma instituição (2020). Pesquisador da Sociedade Brasileira de Estudos do Cangaco (SBEC). Autor do livro (e-book) "Narrativas de Crimes: violência, desordem e banditismo em Mossoró/RN na Primeira República (1910 - 1930)". Desenvolve pesquisas na área de História Social e Cultural do Crime, focando nos temas Cangaco, Banditismo e Narrativas de Crime na Imprensa durante a Primeira República.

¹ Os principais expoentes foram Cesare Lombroso (1835-1909), seu discípulo Enrico Ferri (1856-1929) e o jurista Rafael Garofalo (1852-1932).

MEMÓRIA DOS NAZARENOS

Luiz Emanuel Nogueira de Sousa (Zinho Flor)
descendente das famílias Flor e Jurubeba

Nazaré é uma pequena vila, distrito da cidade de Floresta/PE, que fica localizada no sertão central de Pernambuco, na divisa entre os municípios de Floresta e Serra Talhada/PE. Nessa região também nasceu o reconhecido Lampião, Rei do Cangaço, a cerca de 10km de distância da vila de Nazaré, localidade que os “Ferreiras” mantinham grande aproximação devido a pequena distância e onde foram residir por um tempo, após ter que sair da região da Serra Vermelha, em consequência da questão com Zé Saturnino e os Nogueira.

Nazaré assim como Mossoró, tem algo incomum, pois trazem no seu legado, uma história de resistência aos ataques de cangaceiros, tornando-as diferentes das outras cidades que preferiam ceder aos caprichos dos bandidos, para evitar um confronto direto com os mesmos. Na vila de Nazaré, Lampião sentia-se em casa, mesmo já sendo tratado como inimigo desde o ano de 1919, mas ali ele conviveu com todos, conhecia a todos, e se achava no direito de frequentar sem nada temer, foi o que aconteceu a partir do momento que voltou de Alagoas para se incorporar ao grupo de Senhor Pereira e posteriormente seu próprio grupo. Até o ano de 1923, Lampião sempre saía para fazer suas atrocidades e voltava para a região de Nazaré, mas vale ressaltar que, mesmo tendo a liberdade de frequentar o vilarejo, nunca deixou de provocar os moradores da vila, o que incomodava ao extremo a todos, que não suportava mais as provocações. Nos dias 31 de julho e 01 de agosto de 1923, a história começa a tomar um rumo diferente, nesses dias estava a comunidade realizando o casamento de Enoque Meneses com a prima de Virgulino Ferreira, Maria Licor, por quem Lampião já tinha uma antiga paixão de adolescência, e nesse dia ao chegar na vila, o cangaceiro extrapolou as provocações com os nazarenos, talvez por revolta porque a vida que escolheu não deu o direito de casar com a prima, ou ciúmes, ou até por orgulho, por ver que em todos os lugares que andava era tratado como pessoa ilustre e naquela pequena comunidade que considerava sua também, não era bem-vindo.

No dia 10 de agosto de 1923, o Coronel João Nunes chegou em Nazaré e em conversa com um dos chefes da família, Antônio Gomes Jurubeba, já chegou ameaçando e dizendo que iria queimar Nazaré do jeito que fez em São Francisco, porque ali era um coito de cangaceiros, essas palavras irritou Gomes Jurubeba que também respondeu na mesma altura, “você queimou São Francisco, Nazaré você não vai queimar não, São Francisco é São Francisco e Nazaré é Nazaré, e queimar Nazaré vai custar a minha vida e a sua,” com essas palavras o Coronel já sentiu que ali tinha um povo diferente e logo perguntou ao velho Gomes o que poderia ser feito para resolver o problema, Gomes disse que tinha homens suficiente para impedir o acesso dos cangaceiros a vila, mas não tinha armamento, e que no dia que tivesse, mostrava que eles não entrariam mais em Nazaré; o Coronel de imediato convidou os nazarenos a se alistarem na Força Pública, sendo essa a forma que a comunidade encontrou para se armar e enfrentar os cangaceiros, a partir dessa data, começa a surgir a Força Volante mais destemida da história do cangaço lampiônico, se tornando uma pedra no caminho de Lampião.

A partir do mês de agosto de 1923, Lampião não entrou mais na vila de Nazaré e isso mexeu com o orgulho do destemido cangaceiro, aumentando ainda mais a sua fúria, colocando como objetivo de vida, mostrar que entraria em Nazaré, queimaria a vila e mataria todos os nazarenos, chegando até a dizer: - Eu não quero a salvação, se eu morrer e não entrar em Nazaré; por outro lado, os nazarenos também colocaram como objetivo mostrar a Lampião que ele não entrava na pequena vila, daí pra frente, foram, vários confrontos e tentativas dos cangaceiros de invadir a vila, mas não obtiveram êxito nas suas investidas, prevalecendo sempre a defesa dos nazarenos. A partir daí, para os nazarenos, a questão com Lampião sai de uma esfera local, para uma perseguição que ultrapassa as fronteiras: acabar com a fama de Lampião, se torna objetivo de vida de todos os nazarenos, ou seja, mexeu no formigueiro, agora aguarde as consequências. Após o fogo da Fazenda Enforcado, onde Lampião entrincheirado, atacou os nazarenos em campo aberto e viu aqueles bravos

homens partirem pra cima dos cangaceiros como umas feras, colocando o bando para correr por duas vezes, ele sentiu que aquela questão atrapalharia os seus planos, ao chegar na fazenda Cipó, compartilhou com o amigo Cassiano Nogueira, dizendo que tinha arrumado uma questão que se arrependia muito de ter enfrentado; Lampião chegou até a propor um acordo de paz com os nazarenos, enviando os amigos, Emiliano Novaes e Nobertinho da vila de São Francisco para Nazaré, com a promessa de que se os nazarenos dessem por encerrada a questão, ele não mais se aproximaria a uma distância de 30 km de Nazaré, proposta essa, que não foi aceita pelos nazarenos, os quais não confiava em Virgulino, e que sabiam que àquela altura da questão, não tinha mais volta, a resposta de João Flor que era padrinho de fogueira de Virgulino foi: “acordo com Lampião só na boca do meu rifle,” dando a resposta do mesmo jeito que há anos atrás, no primeiro desentendimento entre Ferreiras e Nazarenos, Virgulino tinha lhe dado: “hoje aqui é afilhado atirando em padrinho, padrinho atirando em afilhado e não chora ninguém.”

Nazaré, mesmo sendo uma pequena vila, passou a ser reconhecida, devido a sua posição de bravura em defesa de sua família, tomando assim, posição de destaque no estado de Pernambuco, isso chamou a atenção de alguns que ficavam admirados, de como uma comunidade pequena, e uma família com poucos membros, poderia formar um povo tão destemido que enfrentaria tantas adversidades sem temer, nem se encurvar para ninguém; por outro lado, isso incomodava muita gente e gerava uma situação de perseguição aos nazarenos, como no caso da chacina dos “Gilos”, na fazenda Tapera em Floresta\PE, onde Manoel Neto, mesmo se recuperando de um braço quebrado, teve que sair em defesa dos Gilos com alguns corajosos companheiros, por conta própria e desobedecendo as ordens do comandante, o Capitão Muniz de Farias, que se negou a ir ou a enviar a tropa em defesa daquela família; esse mesmo Capitão no ano de 1931, já como Coronel, foi nomeado comandante da Força Pública do Estado, onde de imediato conseguiu junto ao governo, enviar uma tropa a Nazaré para desarmar a população, surgindo assim mais um problema para essa comunidade já sofrida, mas seus heroicos habitantes, mais uma vez, não se encurvaram diante do fato, antes se posicionaram para enfrentamento da polícia; Manoel Neto a frente dos nazarenos, chamou a atenção do comandante daquela Força, o Capitão João Emerson Benjamim, dizendo que seria melhor brigar com a polícia armado do que com Lampião desarmado, Nazaré desarmada, seria um convite a Lampião, para voltar e realizar seu antigo desejo de invadir, queimar e matar todos os nazarenos, sendo assim, se era pra morrer por Lampião, então poderia a força se preparar para brigar, porque eles estavam prontos para morrer brigando. Não encontrando outra forma de acordo entre eles, e sabendo que aquele povo estava disposto a morrer lutando, o Capitão sugeriu que eles juntassem armas velhas e quebradas, fora de uso, que não servissem mais, que ele colocaria no relatório, que essas eram “todas as armas” que haviam sido encontradas na comunidade, assim o acordo foi aceito pelos nazarenos.

Finalizo dizendo, que esses são alguns relatos que trago na memória, muitos outros casos dos nazarenos, poderiam ser comparilhados, mas ficarão para outra oportunidade.

Luiz Emanuel Nogueira de Sousa (Zinho Flor)

Nascido em 20 de maio de 1965, sendo Nazareno, da descendências das famílias Flor e Jurubeba.

Com formação de Bacharelado em Música, com especialização em arranjo e composição desde 1997.

Compositor do Hino de Nazaré do Pico, sendo incentivador cultural e atuante como influence do Canal do Youtube: Nazaré, Cangaço e Nordeste.

Filho de Eurides Gomes Nogueira de Souza e Osmar Flor de Souza. Casado com Joselyane da Silva Gomes Nogueira, pai de Ester Gomes Nogueira de Sousa.



Coronelismo & Cangaço

Fabiana Fátima de Medeiros Agra
Escritora, Advogada e Jornalista
Sócia da SBEC

Desde a época do Brasil-Colônia, a Coroa portuguesa mostrou-se incapaz de gerir o vasto território da colônia, delegando à iniciativa privada, amplos poderes para tal mister. Com a vinda da família imperial (1808) e a partir da independência do Brasil (1822) – apesar da ampliação do seu aparelho burocrático -, o Estado continuou incapaz de penetrar nas cidades e vilas interioranas – e o poder senhorial permaneceu intocável dentro das fazendas.

A origem do Coronelismo encontra-se no Período Regencial (1831), com a criação da Guarda Nacional – “um organismo militar, com o intuito de deter as convulsões sociais” e garantir a “integridade da Nação”. Aos senhores de terra eram concedidas patentes de capitão, tenente-coronel, major e, aos chefes mais poderosos, a patente de coronel. Este é o X da questão do surgimento do fenômeno do Coronelismo.

Nas primeiras décadas após a instituição da Guarda Nacional, os coronéis não estavam em posição mais privilegiada do que a do padre ou a de outro grande fazendeiro. A partir da Guerra do Paraguai, a população passou a enxergar com outras lentes a figura do coronel.

Com o advento da Constituição de 1891 e do consequente aparelhamento estatal da República, foi extinto o patrimonialismo da época imperial. Entretanto, a burocratização do estado republicano, antes de servir de aniquilação do poder dos coronéis do final do Império, serviu de instrumento de manipulação daqueles decadentes mandatários, para reavivarem seu poder e continuarem “mandando” em seus municípios. Uma das formas de sustentação dos coronéis em seus territórios nos estados do futuro Nordeste, deu-se através da ligação com bandos de cangaceiros, que funcionavam como braço armado do coronelismo.

Assim posto, o Cangaceirismo, enquanto “negócio” e fenômeno tipicamente nordestino, não teria existido não fosse a proteção recebida por parte dos coronéis, que eram responsáveis pelo fornecimento de armas, munição e de esconderijo para o bando, sempre que necessário. Era uma vida de mão dupla: ao mesmo tempo que protegiam os bandos, os coronéis utilizavam o poder de fogo dos cangaceiros sendo que, muitos deles, também participavam da divisão dos butins. Tais características pode ser observadas desde a época do bando de Antônio Silvino e, em uma escala monumental, durante o período lampiônico.



Fabiana de Fátima Medeiros Agra

É advogada, jornalista, pesquisadora e escritora. Autora da trilogia: A Diáspora do Sertão do Seridó”, anotações que tratam da presença de descendentes dos cristãos-novos na região do Seridó. Autora do livro: “As andanças de Antônio Silvino pelos sertões do Seridó e Curimataú”, que conta a trajetória do Rifle de Ouro nos Estados da Paraíba e do Rio Grande do Norte. Autora do livro: “Chico Pereira: de Souza ao Seridó, biografia do paraibano Francisco Dantas Pereira, um filho de coronel que entrou para o cangaço após vingar a morte do pai. Coautora em doze livros sobre política, publicado pela Editora ComPactos.

Documentário De Dentro do Bando estreia no Fórum do Cangaço em Mossoró

Primeira exibição da produção documental De Dentro do Bando acontece nesta quinta-feira, dia 13 de junho, a partir das 19h, durante a programação do XX Fórum do Cangaço, será apresentada uma versão especial reduzida. O documentário, realizado com recursos da Lei Paulo Gustavo de Incentivo à Cultura, é primeiro trabalho produzido pelo Escambau – coletivo de ideias, e conta a história narrada pelo Coronel Antônio Gurgel, durante o seu sequestro pelo bando do cangaceiro Lampião, ocorrido em 1927.

A história descrita por Antônio Gurgel em seu diário detalha com fatos fidedignos, um momento impar da história nordestina, o Cangaço. Esse documento tornou-se público a partir de 1930, publicado no Jornal carioca A Notícia, permitindo que a sociedade tivesse acesso a informações valiosas sobre os 13 dias em que ele passou sequestrado pelo bando, oferecendo detalhes fundamentais sobre os acontecimentos e a vida dos cangaceiros.

"Fizemos uma ampla pesquisa bibliográfica, percorremos as cidades de Pau dos Ferros, Apodi, Felipe Guerra, Limoeiro do Norte

e Tabuleiro do Norte, e claro, o País de Mossoró, conversamos com os historiadores especialistas em estudos do cangaço: Geraldo Maia, Lemuel Rodrigues, Kidelmir Dantas, Cicinato Ferreira, Marcílio Lima, Aderbal Nogueira e Robério Santos, o que culminou numa narrativa voltada para destacar a importância desse documento histórico para o estudo do cangaço" destacou Ivanaldo Fernandes.



Ainda segundo o diretor do documentário, “Há mais de 20 anos Mossoró realiza o espetáculo Chuva de Bala no País de Mossoró, identificamos que o espetáculo é apenas uma pequena parte da história, no nosso documentário procuramos enfatizar diversos outros aspectos que aos poucos podem estar sendo esquecidos”, concluiu.

O XX Fórum do Cangaço, realizado pela Sociedade Brasileira de Estudos do Cangaço (SBEC), acontece de 13 a 15 de junho, no Auditório da FAFIC, na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), e no Museu Municipal Jornalista Lauro da Escóssia.

Visita aos Lugares de Memória

Os encarregados pela defesa da cidade se revezavam na vigília, enquanto o restante da população esperava a vez de partir. E o movimento na estação ferroviária não parava. O embarque de pessoal virou toda a noite e só terminou na tarde do dia 13 de junho, dia de Santo Antônio, quando foram ouvidos os primeiros tiros, dando início ao terrível combate.

Não foi um combate longo; iniciou-se as quatro horas da tarde, aproximadamente, sendo os últimos disparos dados por volta das cinco e meia da mesma tarde. Lampião havia fugido, deixando estrado no chão o Cangaceiro Colchete e dando por desaparecido o Jararaca, que depois seria preso e "justiçado" em Mossoró. Mas com medo da revanche dos bandidos, os defensores permaneceram de plantão toda a noite, só descansando no outro dia, quando tiveram certeza que já não havia mais perigo.

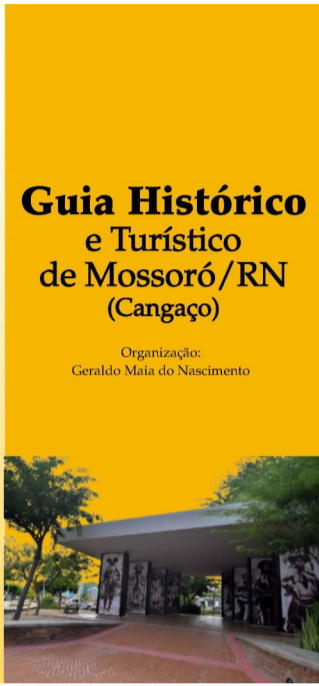
13 de junho, dia de Santo Antônio. Um dia que ficou marcado para sempre na história de Mossoró.

Mossoró

No início, era apenas a Fazenda Santa Luzia, que pertencia, antes de 1739, ao Capitão Teodorico da Rocha. Por volta de 1770, a posse da Fazenda estava com o português Antônio de Souza Machado, e foi por essa época que a fixação demográfica foi iniciada pela criação de gado, oficina de carnes e extração do sal. A 5 de agosto de 1772, a Provisão das Dignidades do Cabido de Olinda concede a Antônio de Souza Machado, Sargento-Mor da ribeira do Mossoró e sua mulher Rosa Fernandes, autorização para construir uma capela na fazenda Santa Luzia, de sua propriedade, em cumprimento de promessa feita por sua intercessão. E a capela foi construída com os cruzados do Sargento-Mor e o auxílio dos devotos circunvizinhos, sendo o primeiro ato litúrgico celebrado em 25 de janeiro de 1773, quando foi batizada uma criança do sexo feminino, cerimônia essa oficiada pelo padre José dos Santos da Costa. A capela permaneceu sobre as ordens da freguesia de Apodi por 70 anos.

Muitos foram os movimentos para tornar a Capela de Santa Luzia em Matriz. Mas finalmente, no dia 27 de outubro de 1842, através da Resolução 87, Mossoró passou a possuir a sua igreja Matriz, desvinculando-se da cidade de Apodi e assumindo a posição de freguesia. A autonomia religiosa era o primeiro passo para a autonomia política que daria ao povoado a condição de responder sobre as suas ações pela instalação dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário.

Uma série de acontecimentos vieram culminar com a sua autonomia política. Em 13 de fevereiro de 1852 foi lida na Assembleia Provincial uma representação dos habitantes da freguesia de Santa Luzia do Mossoró, pedindo que se elevasse a Povoação à categoria de Vila e município. A lei n. 246 de 15 de março de 1852 elevou o povoado a categoria de vila, como o título de Vila de Santa Luzia de Mossoró. Em 9 de novembro de 1870, graças a um projeto do Vigário Antônio Joaquim Rodrigues, então Deputado Provincial, a Lei n.º 620 do mesmo ano, conferiu-lhe as honras de cidade, com a denominação de Cidade de Mossoró.



Guia Histórico e Turístico de Mossoró/RN (Cangaço)

Organização: Geraldo Maia do Nascimento

Roteiro de visita aos lugares turísticos

Esse será o nosso roteiro de visita. Aponte a câmera do seu celular para o QR Code de cada ponto e conheça mais sobre o lugar. Nesses pontos podemos conhecer um pouco mais da história da Cidade de Mossoró.

Para esclarecimentos adicionais, consulte o guia.



Lampião em Mossoró

A cena era dançante desde o dia 12 de junho. Nas ruas, o povo tentava deixar a cidade de qualquer maneira. Mulheres chorando, carregando crianças de colo ou puxadas pelos braços, levando trouxas de roupas, comida e água para a viagem, vagando na multidão sem rumo. Era uma massa humana surpreendente que se deslocava pelas ruas da cidade na busca de transporte, qualquer que fosse o meio, para fugir antes da investida dos Cangaceiros. Famílias inteiras reunidas, em desespero, lotavam os raros caminhões ou automóveis que saíam disparados a caminho do litoral. Muitos, sem condição de transporte, tratavam de conseguir esconderijo dentro ou fora da cidade. A ordem dada pelo prefeito era que quem estivesse desarmado saísse da cidade.

O Prefeito, o Cel. Rodolfo Fernandes de Oliveira, se desdobrava na organização da defesa, ao mesmo tempo que ordenava a evacuação da cidade, medida essa que poderia salvar muitas vidas.

Enquanto isso, a locomotiva a vapor, quase milagrosamente partia, resfolegando com o peso adicional, parecendo que ia explodir, tamarão o esforço feito pela máquina que emitia fortes rangidos e deixava um rastro de fumaça negra no horizonte. Era uma viagem relativamente curta, entre Mossoró e Porto Franco, nas proximidades da praia de Areia Branca.

Na noite do dia 12 de junho, não houve descanso para ninguém em Mossoró.



Exposição: "Expressões do Cangaço"

A exposição "Expressões do Cangaço" acontece no andar superior do Museu Histórico "Lauro da Escóssia", que fica na Rua Trinta de Setembro, 514 - Centro, Mossoró, funcionando de terça-feira a sábado, sempre em horário comercial.

Trata-se de uma coleção de fotos históricas tanto do cangaço como da repressão, mostrando os seus principais agentes.

A exposição permanecerá no Museu até o dia 30 de junho do ano em curso e em agosto estará no Hotel Thermas de Mossoró, durante o JAERN-JAM—XXVIII Jornada Norte-rio-grandense de Anestesiologia - XVII Jornada Mossoroense de Anestesiologia.

Sociedade Brasileira de Estudos do Cangaço
Sede: Museu Histórico "Lauro da Escóssia"
Praça Antônio Gomes, s/nº - Mossoró/RN

EXPOSIÇÃO
EXPRESSÕES DO CANGAÇO
MUSEU HISTÓRICO "LAURO DA ESCÓSSIA"
DE 11 A 15 DE JUNHO DE 2024

XX FÓRUM DO CANGAÇO
III DIÁLOGO PAULO GASTÃO

Realização: Apoio:

Expressões do Cangaço
Os Cangaceiros

Lampião e seu bando depois do ataque frustrado à Mossoró

Fonte: Francisco Ribeiro do Castro (Foto Ribeiro, Jornal do Norte, Ceará, junho de 1927, revisto por José Octávio de Menezes). Coleção: Frederico Pernambuco de Mello, Recife.

Expressões do Cangaço
Os Cangaceiros

Benjamin Abrabão aperta a mão de Lampião, cercado por seus cangaceiros

Fonte: A foto foi provavelmente feita pelo cangaceiro Jureli. Acervo da Abafilm, Fortaleza.

Expressões do Cangaço
Os Cangaceiros

Da esquerda para a direita: Juriti, Catingueira, cangaceiro desconhecido, Português, cangaceiro desconhecido

Fonte: Benjamin Abrabão, 1936. Acervo da Abafilm, Fortaleza.

Expressões do Cangaço
Os Cangaceiros

Da esquerda para a direita: Cangaceiro desconhecido, Quina Quina, Cravo Roxo, Zé Sereno, Canário, Manoel Moreno, cangaceiro desconhecido.

Fonte: Benjamin Abrabão, 1936. Acervo da Abafilm, Fortaleza.

Expressões do Cangaço
Os Cangaceiros

Em primeiro plano, da esquerda para a direita: Zumbi, Quina Quina, cangaceiro desconhecido; em segundo plano: Cravo Roxo, Sila e seu companheiro Zé Sereno, Adília e seu companheiro Canário, Manoel Moreno.

Fonte: Benjamin Abrabão, 1936. Acervo da Abafilm, Fortaleza.

Expressões do Cangaço
Os Cangaceiros

Da esquerda para a direita: Cangaceiro desconhecido, Moça, companheira de Cirilo de Engrácia, Inhacinha, companheira de Gato, Catingueira, Canário.

Fonte: Benjamin Abrabão, 1936. Acervo da Abafilm, Fortaleza.

Expressões do Cangaço
Os Cangaceiros

Lampião e Maria Bonita

Fonte: Benjamin Abrabão, 1936. Acervo da Abafilm, Fortaleza. Coleção: Frederico Pernambuco de Mello, Recife.

Expressões do Cangaço
A Repressão

Os Nazarenos: Luiz Flor

Fonte: Acervo Zinho Flor

Expressões do Cangaço
A Repressão

Volante do Estado de Alagoas sob o comando do tenente João Bezerra (no alto, à esquerda) mostrando as cabeças dos cangaceiros Serra Branca, Eleonora e Ameaça.

Fonte: Coleção Frederico Pernambuco de Mello, Recife.

Expressões do Cangaço
A Repressão

Manoel de Souza Neto e Luiz Mariano da Cruz, membros do volante do Estado de Pernambuco.

Fonte: Coleção Frederico Pernambuco de Mello, Recife.